



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA- DF
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

ALANA EVELYN SILVA BRITO

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE FELICIDADE EM EPICURO

Campina Grande – PB
Abril/2017

ALANA EVELYN SILVA BRITO

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE FELICIDADE EM EPICURO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Orientadora: Profa. Ma. Amanda Oliveira da Silva Pontes

Campina Grande – PB
Abril/2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B862c Brito, Alana Evelyn Silva
Considerações sobre o conceito de felicidade em Epicuro
[manuscrito] / Alana Evelyn Silva Brito. - 2017.
20 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Profa. Ma.Amanda Oliveira da Silva Pontes,
Departamento de Filosofia".

1. Epicuro. 2. Filosofia. 3. Felicidade I. Título.

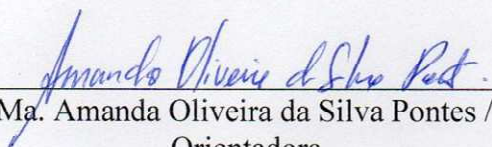
21. ed. CDD 101

ALANA EVELYN SILVA BRITO

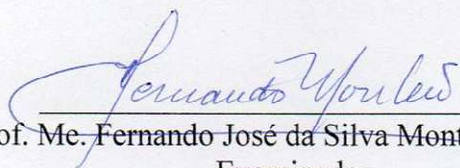
Considerações sobre o conceito de felicidade em Epicuro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

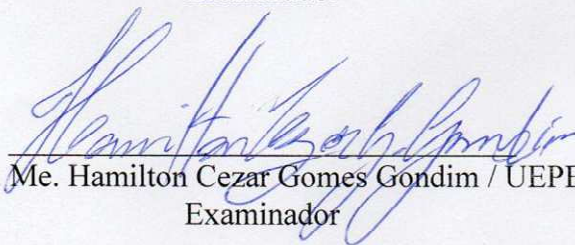
Aprovado em 11/04/2017.



Prof. Ma. Amanda Oliveira da Silva Pontes / UEPB
Orientadora



Prof. Me. Fernando José da Silva Monteiro / UEPB
Examinador



Prof. Me. Hamilton Cezar Gomes Gondim / UEPB
Examinador

Ao meu pequeno que mesmo sem saber ler nem escrever ainda, me transmite os maiores conhecimentos que nem mesmo a vida acadêmica pôde me dar, cujo o Insondável me deu a honra de abrigar-lhe em meu ventre tornando-me sua mãe: ao meu filho Enio Tchaikovsky. Ao meu amor e esposo Roberto Veras, por ter em mim confiado e acreditado que seria capaz de ter até aqui chegado, ou ir mais longe o quanto quisesse.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu a vida e que se faz presente em meus pensamentos, meu coração todo tempo, me dando forças para lutar, me iluminando e dando-me sabedoria para minhas escolhas.

À minha mãe Maria de Fátima, que com muita garra e muito amor me educou, me cuidou e me transmitiu os ensinamentos que fizeram de mim o que hoje sou.

Ao meu pai Rogegleison Brito, por esse pai excepcional, o qual muito me orgulho e que tanto amo.

Ao meu amado esposo, por me ajudar na realização deste trabalho, por ser para mim um exemplo forte de que, é com determinação que se consegue vencer na vida. Mas obrigada principalmente por dividir comigo seu amor, o qual me dá forças e ânimo todos os dias para lutar.

Meu filho, a você agradeço por existir e por ter entrado na minha vida dando à ela sentido, obrigada por me ensinar todos os dias com seu sorriso tão inocente o verdadeiro significado da palavra Amor. Foi por você que cheguei até aqui e continuarei seguindo em frente mesmo que o cansaço das noites mal dormidas tente me desviar do caminho, te amo muito meu Enio Tchaikovsky.

Não poderia deixar de agradecer àqueles que foram meus segundos pais, aos meus avós Maria do Carmo (*In Memory*) e João Ferreira, por terem me acolhido, me amado e me transmitirem valores e princípios que jamais serão esquecidos.

Aos meus queridos irmãos Millena, Júnior e Ralff, por fazerem parte da minha história, por dividirem comigo momentos bons outros nem tanto, mas que ficarão na minha lembrança para sempre. Obrigada por me enxerem de orgulho e de muitas alegrias.

Aos meus tios e tias, primos e primas que fazem parte da minha família e que contribuíram de forma direta ou indireta para a concretização dessa etapa na minha vida.

Ao meu querido e eterno professor, por toda força, ajuda em momentos difíceis e pelo abraço amigo. Seus ensinamentos e sua amizade levarei e guardarei sempre em meu coração.

*“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram
conquistadas do que parecia impossível.”*

(Charles Chaplin)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o conceito de felicidade, a filosofia proposta por Epicuro, para quem a meditação filosófica era um bálsamo para as dores da alma, trazendo assim, a paz e a alegria tão almejadas pelo homem, tendo em vista o espírito de fatalidade que se abateu sobre todos naquela época. O epicurismo encontrou solo fértil entre os gregos, porque atendia as necessidades e exigências de cada um, que enfrentava momento tão difícil em sua “polis”, tal filosofia era pautada nas noções de prazer e na maior busca do homem: a felicidade.

Palavras-Chave: Epicuro, Filosofia, Felicidade.

ABSTRACT

This work aims to present the concept of happiness philosophy proposed by Epicurus, for whom philosophical meditation was a balm for the pain of the soul, thus bringing peace and joy so longed for man in view the spirit of doom that befell all that time. Epicureanism found fertile ground among the Greeks, because they met the needs and requirements of each, which was facing difficult time in your "polis", this philosophy was guided in notions of pleasure and higher search of man: happiness.

Keywords: Epicurus, Philosophy, Happiness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. CONTEXTO HISTÓRICO: EPICURO E OS SÉCULOS IV-III.....	09
3. CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA EPICURISTA.....	12
4. ÉTICA, FÍSICA E CANONICA – O CONHECIMENTO E A FELICIDADE NA FILOSOFIA DE EPICURO.....	15
5. CONCLUSÃO.....	19
6. REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intento de apresentar a filosofia epicurista abordando aquilo que é tão almejada por todos: a Felicidade (eudaimonia). Iremos mostrar como Epicuro transmitia seus ensinamentos à seus discípulos e que com maestria e seu modo simples de viver conseguiu se fazer ouvido e seguido por tantos.

Epicuro desenvolve uma ideia de felicidade diferente daquela ideia popularmente aceita de que a felicidade é um estado de eterno prazer e alegria; ele falava sobre a verdadeira felicidade, a qual não se adquire por meios de bens materiais, poder ou riquezas, para ele a verdadeira felicidade era um estado de espírito, alcançado pela paz da alma, apreciação das coisas simples da vida e meditação filosófica.

Para alcançarmos o nosso objetivo, iniciamos este trabalho apresentando o contexto histórico no qual viveu Epicuro, depois apresentamos as principais características da filosofia epicurista e, por fim, adentramos no objeto de estudo deste trabalho, qual seja, expor algumas considerações a despeito do conceito de felicidade proposto por Epicuro.

2. CONTEXTO HISTÓRICO: EPICURO E OS SÉCULOS IV-III

Para compreender o caráter do epicurismo é preciso considerar as circunstâncias em que ele foi concebido. Por volta dos séculos IV e III a.C, um conjunto de transformações sociais, contribuiu para provocar mudanças no âmbito econômico, político e espiritual do povo grego.

A Grécia estava desenvolvendo sua experiência cultural e filosófica, quando foi invadida pelas tropas macedônias comandadas por Alexandre (334 – 323) e depois pelos romanos, sua vida política e espiritual foi com isto, arruinada, o país passou a ser um grande organismo político, com imenso aglomerado de povos, uma mistura de gregos e orientais que antes não conviviam ou mantinham relação de comunhão. O povo grego passou a ser servo de outros povos, o que ocasionou grandes mudanças no cenário político-econômico e intelectual.

Tudo isso contribuiu para o fim do modelo democrático grego, intensificando as crises econômicas, política e filosófica. Com tudo o que estava acontecendo no país, as filosofias clássicas de Platão e Aristóteles, não correspondiam mais ao novo contexto, e tornaram-se ineficientes.

Em consequência da derrocada do Império Grego, houve uma alteração considerável no que concerne ao objeto central que move as especulações filosóficas. Por exemplo, não fazia mais parte das questões filosóficas as políticas universais, agora a filosofia se volta para um tipo de especialização das ciências, numa abordagem mais subjetiva na qual o ponto crucial era a elaboração de uma ética universal e ao mesmo tempo particular que atingisse o bem individual.

A civilização Grega agora representava o desequilíbrio da antiga “polis”, o cidadão perdeu o gosto pela política e as referências morais que acreditava serem corretas, passaram a isolar-se em si mesmo e buscar no seu íntimo os conteúdos éticos e orientações para a sua vida.

Foi nesse contexto histórico que surgiram as novas escolas filosóficas pós-aristotélicas. A filosofia desvinculada da política tentava responder aos anseios desse novo universo, ela atendia ao problema do povo grego que desejava obter a felicidade. E é exatamente neste contexto em que surge a filosofia epicurista.

Filho de Néocles e Queréstata, Epicuro nasceu em 341 a.C em Samos provavelmente. Desde muito jovem já despertava o interesse pelos ensinamentos filosóficos,

sendo assim, seus estudos foram orientados nessa direção, ele foi escutar as lições das diferentes escolas de filosofia, afim de obter mais clareza para suas muitas indagações.

Epicuro exerceu a função de professor de letras e de gramática ao lado de seu pai e só mais tarde com a idade de 35 anos abriu sua própria escola de filosofia. Em Atenas conheceu grandes pensadores e foi lá que comprou uma casa com jardim, na qual fundou sua tão famosa escola.

Ao invés de reunir seus discípulos em uma sala ou num pórtico, Epicuro ministrava suas aulas no jardim ao ar livre, não fazia seus cursos à certas horas, mas sim passava todo o dia falando-lhes familiarmente, lá cultivavam hortaliças para o próprio sustento e acampavam em barracas no jardim. A escola era aberta a qualquer um, não importando sua condição social, se era escravo ou liberto, pobre ou rico, estrangeiro ou cidadão, homem ou mulher (essa por sua vez, causava maior indignação por parte da sociedade que pensavam que as mulheres não serviam para tal atividade, mesmo assim, várias delas, desenvolveram papel de suma importância dentro da escola). A regra para todos era a mesma: cultivar o amor à sabedoria e a amizade, esta considerada por ele o maior dos bens.

Estrangeiro, aqui te encontrarás bem: aqui reside o prazer, o bem supremo. Encontrarás nesta casa um mestre hospitaleiro, humano e gracioso, que te receberá com pão branco e te servirá abundantemente água clara, dizendo-te: não fostes bem tratado? Estes jardins não foram feitos para irritar a fome, mas para a-apaziguar, não foram feitos para aumentar a sede com a própria bebida, mas para curar por um remédio natural e que nada custa. Eis aqui a espécie de prazer em que eu tenho vivido e em que envelheci (EPICURO,1985, p. 11).

Deste modo não se via em Epicuro um mestre rodeado de alunos e sim um grupo de amigos que filosofavam juntos, riam juntos e dividiam seus momentos. Era Epicuro um homem de uma personalidade sem igual, em uníssonos falava-se a respeito de sua maneira de ser, era meigo, delicado e amável com seus pais, irmãos, amigos e até mesmo com os escravos, um homem notável, possuidor de virtudes admiráveis e cativantes. Tamanho era o prestígio de Epicuro que podemos claramente identificar uma extraordinária influência sobre seus seguidores que o idolatravam pelo seu modo de pensar e agir.

A admiração pela personalidade do mestre, explica a adesão sem reservas à sua doutrina, todos ficavam encantados pelos seus ensinamentos, recebiam como verdades incontestáveis os princípios formulados, a convicção era profunda, o dogmatismo intransigente, todos aprendiam de cor as fórmulas do sistema e tinham um grande cuidado em não deixar perder nada daquilo que o mestre dissesse ou escrevesse.

É importante ressaltar que Epicuro não se envolveu em questões políticas, não desempenhou papel nenhum nas sucessivas revoluções da sua pátria, não atraiu sobre ele mesmo nem sobre os seus amigos, o ódio de nenhum partido.

Segundo alguns historiadores, Epicuro teve desde cedo, contato com as doenças e a credence popular, por acompanhar sua mãe Queréstrata, que era vidente e curandeira. Nota-se algo marcante em sua vida, que sem dúvida influenciou profundamente sua filosofia: a doença, Epicuro sofria de cálculos renais, sentia em si mesmo a força da dor no corpo, que por vezes poderia afetar-lhe até o espírito.

Sua construção filosófica era a possibilidade do pleno equilíbrio: corpo e alma, eliminando suas dores através do prazer calculado, que ultrapassa tais dores e permite a obtenção da plena felicidade (eudaimonia).

Este íntegro homem cultivou uma vida inteira de amigos fiéis que dedicaram suas vidas a cuidar e consolar seu mestre, durante suas recorrentes crises. Epicuro suportou sua doença com firmeza e resignação até o último dia de sua vida, quando veio a falecer em 270 a.C aos 72 anos.

Durante minhas doenças, não falava a ninguém do que sofria no meu miserável corpo; não tinha essa espécie de conversação com aqueles que vinham me visitar; não falava com eles senão daquilo que desempenha na natureza o primeiro papel. Procurava sobretudo fazer-lhes ver que a nossa alma, sem ser visível às perturbações da carne, podia, no entanto, manter-se inserta de cuidados e no gozo pacífico dos meus bens que lhe próprio. Ao chamar os médicos, não contribuía com a minha fraqueza para lhe tomar os importantes, como se a vida que lhes procurava conservar fosse para mim um grande bem. Mesmo nesse tempo vivia eu tranquilo e feliz. (EPICURO, 1985, p. 05).

Nos últimos dias de sua vida Epicuro estava tão debilitado que não suportava nem o peso de suas vestes, mal saía da cama nem mesmo a claridade da luz do sol ele suportava encarar. Conta-se que, depois de ter sido atormentado por dores terríveis durante 14 dias, Epicuro pediu que o - colocassem em uma bacia de bronze cheia de água quente a fim de aliviar um pouco as dores, em seguida bebeu um pouco de vinho e pôs-se a falar para seus amigos recordando-se juntos de seus preceitos e nessa conversação findou a vida. Sua serenidade na hora da morte é comparada com a de Sócrates.

Epicuro havia conquistado uma multidão de discípulos que, após sua morte, garantiram a prosperidade da escola epicurista no qual se manteve ativa até os últimos dias do paganismo.

3. CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA EPICURISTA

O caráter de Epicuro representa o maior motivo de credibilidade por seus discípulos a amizade e amabilidade é motivo de distinção desse filósofo na sociedade em que vive. Sua proposta era uma filosofia que, deveria servir ao homem como instrumento de libertação e como meio de acesso à verdadeira felicidade. É através do autodomínio que o homem pode libertar-se de falsas opiniões, representadas pelo temor aos deuses, o medo da morte, desejo demasiado de prazeres e pesar pelas dores, e então adquirir o verdadeiro conhecimento do mundo real.

A filosofia epicurista serve desta maneira como mecanismo, instrumento pelo qual o homem pode alcançar a felicidade na medida em que se desfaz dos seus medos. Afirma Epicuro: “Assim como realmente a medicina em nada beneficia, se não liberta dos males do corpo, assim também sucede com a filosofia, se não liberta das paixões da alma”. (EPICURO, 1985: p.13).

É por meio da filosofia que, as falsas opiniões são desfeitas, Epicuro ensina quatro caminhos para se alcançar a serenidade: o temor aos deuses não deve existir, não há nada o que temer quanto à morte, a dor pode ser suportada e pôr fim a felicidade ela pode sim ser alcançada.

O primeiro caminho assim como explica Epicuro, os deuses não devem ser temidos, porque nada podem fazer contra os homens, eles não podem interferir no curso da vida e por isso são apenas exemplos de bem-aventuranças para serem imitados. “[...] o ser bem-aventurado e eterno não tem perturbações nem perturba outro ser, por isso é imune a movimentos de ira ou de gratidão, pois todo movimento desse tipo implica fraqueza (EPICURO, 1987, p. 315).”

No segundo caminho ele repudia o medo da morte, tendo em vista que a morte é apenas a privação da sensibilidade e nesta encontra-se todo o bem e todo o mal, sendo a morte a ausência da sensibilidade por consequência de todo bem e mal, então a morte nada é, seria assim, inútil sofrer por algo que quando acontecer nada significa. Não é a morte que causa o sofrimento, o que faz o homem arder em dor é a sua espera.

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente, ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no

entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida (EPICURO, 2002, p.29)

Quanto à dor, ela também não deve ser temida, mas sim valorizada como possibilidade de um bem ainda maior conforme diz o mestre: “a imediata desapareção de uma grande dor é o que produz insuperável alegria. Esta é a essência do bem, se o entendemos direito e depois nos mantemos firmes e não giramos em vão falando do bem” (Epicuro, 2002).

Uma dor contínua não dura muito tempo na carne, ao contrário, quanto mais aguda é a dor menor é a sua duração, e também se por sua intensidade ela vencer o prazer, não dura muitos dias na carne. As doenças prolongadas permitem até uma preponderância do prazer sobre o sofrimento carnal (BORDIN, 2003, p.08 *apud* EPICURO, 2002, p 315).

Por fim, o controle dos desejos e a eliminação do medo propiciam a compreensão dos limites necessários à obtenção do prazer, bem supremo, caracterizado pela ausência de sofrimentos corporais e perturbações da alma, nele encontra-se a felicidade. “[...]chamamos ao prazer, principio e fim da vida feliz. Com efeito, sabemos que é o primeiro bem, o bem inato, e que dele derivamos toda a escolha ou recusa e chegamos a ele valorizando todo bem com critério do efeito que nos produz” (SANTOS, 2001, p. 141).

Além de afirmar que o sentido da vida é o prazer, Epicuro recomendou aos seus discípulos uma vida moderada, sem excessos. Sugeriu o uso regrado dos prazeres, com a satisfação apenas das necessidades básicas do corpo. Tanto o excesso quanto a falta proporcionariam ao indivíduo perturbações ao espírito. Para ele pouco era necessário ao homem para ser feliz.

Procurou assim, administrar à vontade nos limites impostos pela natureza, foi dela que Epicuro tirou as lições para alcançar a paz. Prazer e moderação tornaram-se, na doutrina epicurista, ingredientes necessários para alcançar a virtude suprema, a prudência. Ela é o princípio e o sumo bem, razão pela qual ela é mais preciosa que a própria filosofia e é dela que se originam as demais virtudes (BORDIN, VALIM *apud* EPICURO, 2002).

Para Epicuro, a felicidade (eudaimonia) é uma evasão ou libertação do sofrimento, um estado interior de ignorância da dor, do temor e da enfermidade. Nesse caso, a felicidade está associada ao prazer sensível, conquistado pela imperturbabilidade do espírito. O prazer é a forma mais elevada de supressão de toda sensação penosa, um estado de repouso do espírito e de perfeita indiferença, portanto, perfeita realização da vida humana. “A magnitude do prazer atinge seu limite na remoção de todo sofrimento. Quando o prazer está presente, durante todo

o tempo em que ele permanece não há dor nem no corpo, nem na alma, nem nos dois” (EPICUROS, 1987, p. 315).

Entretanto, para Epicuro, o fato de ser o prazer a força que movimenta o homem não justificava uma busca desenfreada pela satisfação dos desejos. Para o filósofo, tratava-se de gozar o máximo possível e sofrer o mínimo possível.

Por esse motivo a razão consistia em trunfo para que o indivíduo desejasse os prazeres certos. Todo prazer é um bem, mas nem todos levam à boas consequências. Alguns desejos podem proporcionar prazeres momentâneos, mas futuros desprazeres, da mesma forma, certos desejos podem gerar sofrimentos no momento, mas prazeres futuros. Epicuro classifica os desejos em três categorias:

- a) desejos naturais e necessários; os quais devem ser satisfeitos, pois dizem respeito à sobrevivência, à felicidade ou ao bem-estar da alma;
- b) desejos naturais e não necessários; os quais devem ser controlados e vigiados para que não se torne a ele submisso, são os desejos sexuais, estéticos e gastronômicos;
- c) desejos não naturais e não necessário; estes, deve-se evitar ao máximo, aqui se encontram os desejos por poder, riqueza, glória etc.

A ênfase que Epicuro dava ao prazer não implicava dizer que as virtudes eram menos importantes, para ele era através da filosofia e do aperfeiçoamento da razão, que o indivíduo poderia desenvolver suas virtudes de modo para melhor compreender seus sentidos e satisfazer suas vontades, tornando-se assim, feliz.

Para o filósofo, “sem virtudes não seria possível viver de modo genuinamente prazeroso. Ao mesmo tempo, sem prazeres, não seria possível viver de modo virtuoso” (EPICURO, 1993, P.67). Sem uma determinada postura (virtudes) diante dos impulsos ontológicos (vontades), o homem não seria capaz de satisfazer tais impulsos suficientemente bem para ser feliz.

Epicuro sentiu a sede de unidade que atormenta a inteligência humana, a necessidade de pôr de acordo as nossas crenças teóricas e os nossos princípios práticos, de alicerçar as regras da nossa moral sobre uma concepção da nossa natureza e do universo em que estamos colocados. Todo o sistema não é na realidade senão moral, teoria da felicidade, ora , não há felicidade possível para o homem enquanto está atormentado pelo medo da morte e pelo

temor dos deuses, é preciso portanto, libertá-lo desse medo fazendo-lhe conhecer as leis e os princípios da natureza, por fim, para fazer compreender a solidez das explicações que lhe fornecem e para garantir contra as seduções do erro, é preciso determinar os meios que temos de conhecer a verdade e de a discernir do que é falso.

Epicuro determinava assim o objeto das três partes da ciência: a canônica- que estuda o juízo, os fundamentos e os elementos da lógica; a física –que estuda a gênese, a destruição e a natureza; e a moral ou ética – o que se tem de adotar e o que se tem de evitar, a maneira de viver e os fins do homem.

4. ÉTICA, FÍSICA E CANONICA – O CONHECIMENTO E A FELICIDADE NA FILOSOFIA DE EPICURO

A Canônica

A parte dedicada ao que Epicuro chama de “canônica” consiste na lógica ou na teoria do conhecimento da filosofia epicurista. Tem por função construir um critério de verdade, as regras que devem nortear o homem para a felicidade (eudaimonia).

Para Epicuro toda a origem do conhecimento está na experiência sensível. Os corpos produzem imagens que são propagadas no vazio, chamadas eidôla, estas imagens representam os corpos emissores e são captadas e apreendidas pelo homem, o que permite a construção dos conceitos. Assim, explica Epicuro: “da superfície dos corpos se desprende um eflúvio contínuo, que se não manifesta como diminuição, visto que se encontra pelo afluxo e conserva durante muito tempo a posição e a ordem dos átomos, do corpo solido” (SANTOS, 2001, p.142).

A sensação corresponde à captação dessas imagens, que impressionam os sentidos, produzindo na mente humana, as representações fantásticas, através da associação de imagens diferentes para formar uma nova imagem, como por exemplo, o minotauro, metade homem metade touro, e as representações genéricas ou conceitos, ou ainda, em grego, prolépsis, que correspondem às sensações repetidas que, com o tempo foram guardadas na memória. Os conceitos permitem ao homem antecipar a sensação dos corpos que já tenham imagem na memória.

As emoções também chamadas de sensações afetivas, correspondem à prática da vida, que se refere ao prazer ou a dor, portanto fora da análise lógica. O erro está relacionado à opinião ou juízo. Se a opinião não for divergente à prova dos sentidos, será verdadeira, caso

contrário será falsa, assim observado em um dos fragmentos escritos por Epicuro: “a falsidade ou o erro está sempre no juntar-se de uma opinião” (SANTOS, 2001).

Sendo a sensação sempre verdadeira, procede dizer que as antecipações produzidas também o sejam. Por meio das antecipações, é possível a racionalização dos fenômenos, inclusive os não visíveis, observando-se o critério de comparação com os fenômenos percebidos, ao que diz o filósofo: “a sensação deve servir-nos para proceder, raciocinando, à indução de verdades que não são acessíveis aos sentidos e ainda, é verdadeiro tanto o que vemos com os olhos como aquilo que apreendemos mediante a intuição mental” (SANTOS, 2001).

A Física

A física epicurista tem por objetivo a desmistificação das explicações do mundo, ou melhor, a retirada de toda e qualquer explicação sobrenatural em relação ao mundo e a existência humana. Para tanto, o primeiro princípio será a impossibilidade de qualquer intervenção espiritual no mundo, ao que ele afirma, observando a existência do mal:

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer e nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer e nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus, donde provém a existência dos males? Por que razão é que não os impede? (JOYAU,1980, p. 20 *apud* SANTOS, 2001, p143).

Para tais indagações, o próprio Epicuro responde, pois acredita que os deuses não têm nenhuma obrigação: vivem entre os mundos, em plena felicidade, logo, seria contrário a eles interferir no mundo, porque teriam que assumir uma obrigação. A explicação das coisas apresenta-se, assim, num caráter materialista.

O segundo princípio baseia-se na estrutura atômica do mundo, afirma Epicuro:

Antes de mais, nada provem do nada, pois que então tudo nasceria sem necessidade de sementes. E, se se dissolvesse no nada tudo o que desaparece, todas as coisas seriam destruídas, anulando-se as partes nas quais se decompunham. E também é certo que o todo foi sempre tal como é agora e sempre será assim, pois nada existe nele que possa mudar-se. Com efeito, mais além do todo não existe nada que penetrando nele produza a sua transformação. JOYAU,1980, p. 20 *apud* SANTOS, 2001, p143-144).

Implica dizer que, é necessária uma criação coerente e ordenada de todas as coisas, uma estrutura mecânica do movimento dos corpos no espaço. Essa criação só é possível pelos átomos que se agrupam, formando os corpos. Os átomos, partículas solidas, indivisíveis, de

inconcebíveis variações de forma pelos sentidos e fora do alcance da percepção humana, movimentam-se no espaço vazio. Possuidores de pesos específicos estão em constante queda vertical e paralela. Em tal circunstancia jamais se encontrariam, conseqüentemente, não dariam origem aos corpos. Epicuro então, para explicar o processo que possibilita esse encontro dos átomos, introduz a noção de desvio ou *clinamen*. Esta noção evita o radicalismo da estrutura mecânica do mundo, eliminando o fatalismo, e é justificada pelo livre arbítrio que o homem possui para modificar, a qualquer momento, sua trajetória de vida.

Um corpo sendo formado por átomos se manifesta esta qualidade de liberdade, é porque os átomos que o integram também a possuem. Portanto, a qualquer momento, os átomos podem modificar sua trajetória vertical paralela e chocarem-se com outros, para formação dos corpos. Com isso, as concepções finalistas e intervenções da providência divina são anulados. O nascimento equivale ao agrupamento dos átomos e a morte à desagregação dos mesmos. A vida eterna dos deuses refere-se ao fato de possuírem átomos especiais que estão em constante renovação. Sua existência é provada também pelas imagens produzidas na mente humana, possuindo a forma humana por ser a mais perfeita e racional das formas.

A alma para Epicuro, “[...] é corpórea, composta de partículas sutis, difusa por toda a estrutura corporal, muito semelhante a um sopro que contenha uma mistura de calor...” (JOYAU, 1980, p. 20 *apud* SANTOS, 2001, p.144). Nela encontram-se as faculdades fundamentais da pessoa: os afetos ou emoções, os processos mentais (imaginação e razão) e a sensação. Estas faculdades estão também associadas ao corpo. O princípio da vida está em ambos: alma e corpo, de tal forma que a desagregação, ou morte, atinge ao todo corpóreo (alma e corpo), pois representa a privação total das sensações.

A Ética

O fim da filosofia epicurista é a ética, que está fundamentada no prazer. Toda a felicidade refere-se ao prazer que se pode fugir às dores e analisar o bem. Epicuro considera dois tipos de prazeres: o prazer dos ignorantes é o prazer dinâmico ou positivo, é atender as carências que se manifestam a cada momento, é o gozo e a alegria temporários. Ao contrário, o prazer estável ou negativo, apesar dessa nomenclatura, é aquele que permite a plena felicidade (eudaimonia), eliminando-se as perturbações da alma (*ataraxia*) e as dores do corpo (*aponia*).

Para efetivar o prazer estável, é preciso a percepção de quais desejos são de fato vitais, segundo a seguinte análise epicurista: “alguns dos desejos são naturais e necessários; outros

são naturais e não necessários; outros nem naturais nem necessários, mas nascidos apenas de vã opinião” (JOYAU,1980, p. 20 *apud* SANTOS, 2001, p145).

A execução dos desejos naturais e necessários, no entanto, precisa ainda passar pelos limites da natureza, pelo cálculo e medida de tais prazeres. Assim as seguintes perguntas devem ser feitas, conforme explica Epicuro: “que me sucederá se se cumpre o quer meu desejo? Que me acontecerá se não se cumpre?” (JOYAU,1980, p. 20 *apud* SANTOS, 2001, p145).

Estas perguntas permitem que o homem alcance por si mesmo a sua suficiência e não se torne subordinado às suas necessidades e preocupações com o futuro, características dos insensatos. A prudência ou sabedoria, por ser a mãe das outras virtudes, é fundamental para se alcançar a *ataraxia* e a *aponia*, visto que por meio dela os limites e cálculos dos prazeres são concebidos.

A doutrina epicurista também torna nítido o valor da amizade, marco dessa escola: “de todas as coisas que nos oferece a sabedoria para a felicidade de toda a vida, a maior é a aquisição da amizade” (JOYAU,1980, p. 20 *apud* SANTOS, 2001, p146).

A amizade é um bem que deve sempre ser desejado. Apesar de se iniciar na necessidade do útil, sua solidez está na confiança e na disposição de mútua ajuda. Também são qualidades do sábio ser honesto e justo. Na relação com os outros, o sábio deve ser generoso: “o sábio que se pôs à prova, nas necessidades da vida, melhor sabe dar generosamente que receber: tão grande é o tesouro de íntima segurança e independência dos desejos que em si possui” (JOYAU,1980, p. 20 *apud* SANTOS, 2001, p.146)

O prazer epicurista está presente na solidariedade para com o outro. Quanto à política diz Epicuro: “o sábio não participará da vida pública se não sobrevier causa para tal” (JOYAU,1980, p. 20 *apud* SANTOS, 2001, p146).

Ele admite ser a política importante, mas observa que ela é fonte de perturbação para a alma, portanto, só se deve envolver-se se houver grande necessidade para isso.

Neste sentido, Epicuro define a felicidade como um estado de espírito, de prazer resultante da satisfação dos desejos moderados, apreciar as coisas e momentos simples da vida é o que traz tranquilidade para alma e conseqüentemente felicidade.

5. CONCLUSÃO

Nosso trabalho buscou apresentar os principais projetos filosóficos apresentados na carta de Epicuro sobre o conceito de felicidade cujo autor estabelece uma conduta de moderação para chegarmos ao estado de “*ataraxia*”. O conceito de felicidade permeia toda sua filosofia, mostrando uma implicação no campo de outras áreas do saber, isso porque no período helenístico múltiplos assuntos eram discutidos na realidade efetiva dos jardins gregos.

Notadamente a felicidade busca uma interpretação na canônica que, por sua vez, tenta apresentar uma proposta epistêmica em busca do conhecimento prático e efetivo do mundo. A física é pautada na realidade concreta do mundo sensível, no qual estamos buscando resoluções até os dias atuais. E por último, porém não menos importante o campo da ética, que é um problema complexo em aberto nos dias atuais. Para Epicuro, o campo das ações tem valor importantíssimo, sendo afetado, sobretudo, pelo conceito de felicidade (eudaimonia).

Em suma, o homem epicurista experimentava o mundo de maneira moderada para uma realização pessoal na busca da imperturbabilidade da alma. Essa filosofia epicurista se transforma, ao longo da história do pensamento, em modelo autêntico de vida dedicada à filosofia. Ademais, é a partir do pensamento epicurista que podemos compreender que a filosofia não se resume em uma atividade puramente abstrata e alheia a vivência efetiva do homem, ao contrário disso, a prática da atividade filosófica se desdobra em uma forma de vida, em uma ética realmente indispensável ao homem.

REFERÊNCIAS

BORDIN, Reginaldo; VALIM, Diogo. Nos “Jardins” de Epicuro, A filosofia é o remédio da Alma. **VI Jornada de estudos antigos e medievais**, Trabalhos completos, São Paulo, 2003.

EPICURO. **Antologia de textos**. Traduções e notas de Agostinho da Silva [et al.]; estudos introdutórios de E. Joyau e G. Ribbeck. — 3. ed. — São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os pensadores)

_____. **Carta sobre a Felicidade**. (AMeneceu). Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

FILHO, Juvenal. O epicurismo e a Ética: uma ética do prazer e da prudência. **Bioethikos**. São Paulo. N°3, p. 10-17. Jan/ 2009.

GOMES, Táuria. A ética em Epicuro: Um estudo da carta a Meneceu. **Revista eletrônica UFSJ**. N°5, p. 147-162, jul.2003.

SANTOS, Wilson. Ética e felicidade: A filosofia epicurista. **Ideação**, Feira de Santana, n° 7, p. 137-148, jan/jun. 2001.